

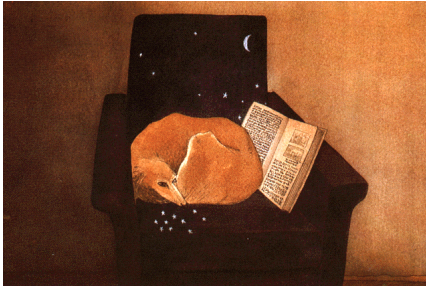


## FAUSTO

### 2. CONHECIMENTO

*Mas o conhecimento da ciência não lhe permite chegar ao Mistério.*

Mário Botas.  
«Lychee». 1982.  
Col. Fondation  
Casa-museu Mário  
Botas.



«Quería ao menos poder crer que, lendo, no fim alguma coisa me ficava do essencial do mundo.»

Não leio já; queria abrir um livro  
E ver, de chofre, ali, a ciência toda. . .  
Quería ao menos poder crer que, lendo,  
E em prolongadas horas lendo e lendo,  
No fim alguma coisa me ficava  
Do essencial do mundo, que eu subia  
Até ao menos cada vez mais perto  
Do mistério. . . Que ele, inda que inatingido,  
Ao menos dele que eu [me] aproximava. . .  
Não fosse tudo um (. . .)  
Como uma criança que a fingir sobe  
Uns degraus que pintou no chão. . .

Não leio. Horas interminas, perdido  
De tudo, salvo de uma dolorosa  
Consciência vazia de mim próprio,  
Como um frio numa noite intensa,  
Em frente ao livro aberto vivo e morro. . .  
Nada. . . E a impaciência fria e dolorosa  
De ler p'ra não sonhar e ter perdido  
O sonho! Assim como um (. . .) engenho  
Que, abandonado, em vão trabalha ainda,

Sem nexos, sem propósito, eu mõi  
E remõi a ilusão do pensamento...  
E hora a hora na minha estéril alma  
Mais fundo o abismo entre meu ser e mim  
Se abre, e nesse (...) abismo não há nada...

Ditoso o tempo em que eu sonhava, e às vezes  
Eu parava de ler para seguir  
Os cortejos em mim... Amor, orgulho,  
— Crenças inda! — pintavam os meus sonhos...  
E com muita insistência[?], eu era (...)  
O amante de belezas (...)  
E o rei de povos vagos e submissos;  
E quer em braços que eu sonhava, ou entre  
As filas (...) prostradas, eu vivia  
Sublimes nadas, alegrias sem cor.  
Mas  
Hoje nenhuma imagem, nenhum vulto  
Evoco em mim... Só um deserto aonde  
Não a cor dum areal, nem um ar morto  
Posso sonhar... Mas tendo só a ideia,  
Tendo da cor o pensamento apenas,  
Vazio, oco, sem calor nem frio,  
Sem posição, nem direcção, nem (...)  
Só o vazio lugar do pensamento...

s. d.

**Fausto — Tragédia Subjectiva** . Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 9.